

RODRIGO BORGES DE AZEVEDO

**O FENÔMENO GNÓSTICO:
Um Estudo sobre a Correlação entre Cosmologia e Ética no Gnosticismo**

Plano de Trabalho referente ao projeto de pesquisa “Cosmologia e ética no helenismo – Ptolomeu e suas influências”, sob a orientação do Prof. Dr. *Marcus Reis Pinheiro*, do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, para a seleção de bolsas de Iniciação Científica da FAPERJ.

NITERÓI/2010

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	3
2 JUSTIFICATIVA	6
3 OBJETIVOS	7
4 HIPÓTESE(S)	8
5 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	9
6 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	10
7 REFERÊNCIAS	11

APRESENTAÇÃO

Nosso plano de trabalho, inspirado pelo projeto de pesquisa “*Cosmologia e ética no helenismo – Ptolomeu e suas influências*”¹ do Prof. Dr. Marcus Reis Pinheiro, pretende avançar na pesquisa e discussão do tema “*cosmologia e ética no helenismo*”. Todavia, nosso referencial será o Gnosticismo.

O termo “*gnosticismo*” é uma criação do século XVIII. Em 1966, durante o congresso sobre “*Origens do Gnosticismo*” em Messina, convencionou-se chamar Gnose² o “conhecimento de segredos divinos reservados para uma elite” e Gnosticismo os sistemas com essa característica relativa, no entanto, ao segundo e terceiro séculos de nossa era. A questão sobre a origem do movimento gnóstico é controversa e bastante discutida pela academia. Já consideraram-no um movimento genuinamente cristão ou, pelo contrário, um perigo para a mensagem cristã. Enquanto uns asseveram se tratar de uma religião pré-cristã de origem judaica, outros indagam a existência de uma clara influência grega³ que Harnack diagnosticou corresponder a uma “*aguda Helenização do Cristianismo*”.⁴ Todavia, embora pareça ser notória a característica de ser um movimento de natureza religiosa e influenciado por uma “*onda oriental*” que Hans Jonas sustenta distinguir a segunda fase da cultura helênica⁵, o gnosticismo não está confinado às seitas religiosas. Apesar do filósofo neoplatônico Plotino, por exemplo, voltar-se contra os gnósticos, acabou sendo influenciado por eles. Finalmente, para além da questão da gênese, parece ser ponto pacífico considerá-lo um movimento sincrético. Assim o estudo das fontes comprova, existindo manuscritos gnósticos nas mais variadas línguas.

Embora variadas sejam as fontes, influências e divergências entre concepções gnósticas, é possível falar de características essenciais: a primeira a se destacar é uma distinta influência oriental; a segunda, uma esperança de salvação; a terceira, a divindade última ser absolutamente transmundana e de natureza diferente da terrestre; e a quarta, a crença em um

-
- 1 Trata-se de um projeto de pesquisa registrado na IES ao qual o professor é vinculado (UFF) e que já foi contemplado com duas bolsas de auxílio à pesquisa: o edital Jovem Doutor, vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da UFF e também o edital Universal do CNPQ de 2010 com os quais serão comprados livros e computadores. Tal projeto, portanto, apresenta todos os pré-requisitos necessários para excelentes condições de pesquisa
 - 2 Gnose provém do termo grego *gnosis* que significa conhecimento. Contudo, não intelectual mas, bem diferente, um conhecimento salvador e libertador.
 - 3 FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. Martins Fontes, p 312.
 - 4 BULTMANN, R. *Primitive Christianity*. Thames and Hudson, 1956, p 162.
 - 5 JONAS, Hans. *The Gnostic Religion*. Beacon Press, 1963, p 31.

dualismo radical. Hans Jonas sintetiza bem descrevendo o gnosticismo como uma “*religião dualista transcendente de salvação*”.⁶

A cosmologia gnóstica é claramente dualista, concebendo-se a existência de um reino do bem e de luz em oposição a um reino do mal e de escuridão. Entretanto, percebe-se dois sistemas básicos sobre a origem do mal. Enquanto num temos dois princípios básicos e opostos sempre existentes, noutro manifesta-se um declínio gradual da divindade mais elevada. Exemplos do primeiro sistema encontramos no Mandéismo, Maniqueísmo, Zoroastrismo e nos manuscritos de Qumran. Ao passo que o segundo encontramos nos manuscritos de Nag Hammadi. Em termos gerais, o universo é dominado por divindades malignas, uma prisão sem escapatória, um calabouço, com sete esferas cósmicas acima da Terra separando o homem de Deus. Percebemos facilmente uma negativa avaliação do mundo visível e de seu criador, o demiurgo. Para o gnosticismo um deus bom jamais teria criado um mundo imperfeito e repleto de sofrimento. E Plotino, em resposta a esses, diz que os ensinamentos gnósticos tratam de “*uma estória de terror e horror; ridícula e errônea, pois as esferas são boas e belamente preparadas*” (En II 9,11).

A concepção de homem gnóstica é tripartida. O homem é formado por carne, alma e espírito. E sua origem é dupla, mundana e extramundana. E, de modo semelhante, dividem-se os homens em três classes: os espirituais, psíquicos e carnis. A carne e a alma foram formadas pelos poderes malignos à imagem de um homem divino primordial, animando-o com suas forças psíquicas. Já o espírito encontra-se enclausurado à alma e à carne, sendo esse espírito a centelha divina, a porção sagrada que caiu no mundo e que os dominadores malignos desejam deixar cativa aqui. Em seu estado não redimido o espírito não tem consciência de si, pois encontra-se embriagado, adormecido pela alma e carne em completa ignorância. Esse espírito, o “*eu autêntico*” do ser humano, somente é desperto através do “*conhecimento*” verdadeiro e libertador que um mensageiro redentor divino trouxe ao mundo.

Desse modo, a meta da doutrina de salvação do Gnosticismo é o retorno da centelha divina à sua origem, ou seja, ao reino das luzes, também chamado de Pleroma. E a condição necessária a esse retorno é o conhecimento de sua origem divina, bem como sobre sua situação presente. Assim a fórmula Valentiana nos testifica:

O que liberta é o conhecimento de quem fomos e o que nos tornamos;
onde estávamos, o lugar onde fomos atirados; para onde nos

6 _____ . *The Gnostic Religion*. Beacon Press, 1963, p 32.

dirigimos, de onde fomos redimidos; o que o nascimento é e o que é o renascimento.⁷

De posse de duas das principais fontes primárias – os manuscritos de Qumran e de Nag Hammadi – o problema primordial que nos dispomos a enfrentar é investigar a correlação entre cosmologia e ética segundo o fenômeno gnóstico. A correlação entre cosmologia e ética constitui um problema porque desejamos, essencialmente, descobrir se, de fato, e de que maneira, a partir de uma determinada cosmovisão, foi possível derivar-se conotações éticas.

A questão acerca de uma depreciação do mundo parece ser central para o Gnosticismo, assim Hans Jonas sustenta ao afirmar que “*a moralidade [gnóstica] é determinada por uma hostilidade para com o mundo e desprezo por todo laço mundano*”.⁸ Não obstante, quais as implicações dessa avaliação do mundo? Ou antes, o que a justificaria? É possível que influencie as avaliações, ações e relações humanas? Acreditamos que tal determinação em relação ao mundo constitui uma questão fundamental, dado que, assim como esses que nos precederam também caminhamos pelo mundo, importa-nos também questionar nossa própria existência frente ao mundo.

7 JONAS, Hans. *The Gnostic Religion*. Beacon Press, 1963, p 45.

8 JONAS, Hans. *The Gnostic Religion*. Beacon Press, 1963, p 46.

JUSTIFICATIVA

Acreditamos que nossa investigação é relevante e atual para a academia. É relevante, visto que possibilitará o prosseguimento do debate sobre a “cosmologia e ética no helenismo”, e enriquecedora, pois também permitirá considerar o objeto de estudo do projeto do Prof. Dr. Marcus Reis Pinheiro sob um novo prisma. O gnosticismo é uma das correntes religiosas que mais influenciou as concepções astrológicas do helenismo e a sua correta compreensão é fundamental na pesquisa referida. Ademais, não duvidamos da atualidade da pesquisa fundamentada no Gnosticismo, justamente em um período em que, felizmente, dispomos de um grande acréscimo das fontes primárias graças à, talvez, maior descoberta arqueológica do século XX: os manuscritos de Qumran e de Nag Hammadi, conforme nos atesta Kurt Rudolf:

A descoberta de manuscritos hebraicos em 1947 na margem ocidental do Mar Morto próximo a Wadi Qumran atraiu atenção muito além do círculo de estudiosos. Eles pertencem, sem dúvida, aos achados mais importantes deste tipo e por isso foram amplamente descritos e avaliados, e não apenas por revistas especializadas. Por outro lado outra descoberta provocou menos sensação entre o público mais amplo. Foi feita aproximadamente ao mesmo tempo no Egito e é de importância semelhante, desde que pela primeira vez trouxe à luz uma quantidade extensa de textos gnósticos originais em linguagem copta.⁹

Além disso, acreditamos que vale a pena investir esforços nessa direção porque tais descobertas arqueológicas revelaram-se de valor inestimável para a humanidade, pois trouxeram à memória toda uma compreensão da existência humana que fora perseguida, condenada e que permaneceu por séculos soterrada e esquecida, especialmente aspectos do cristianismo que ainda não estão muito bem esclarecidos e que o formou originalmente.

9 RUDOLPH, Kurt. *Gnosis, the Nature & History of Gnosticism*. HarperOne, 1987, p 34.

OBJETIVOS

As recentes descobertas de documentos originais de comunidades gnósticas, e posterior publicação para o público, representam uma oportunidade ímpar para uma investigação mais independente que a dos testemunhos dos chamados “*Pais da igreja*”, seus mais ferrenhos opositores e, até então, a fonte mais importante, apesar de imparcial. Desse modo, temos como objetivo final privilegiar o exame das fontes primárias de Qumran e de Nag Hammadi, buscando informações que nos permitam relacionar cosmologia e ética.

Perante a história da investigação do Gnosticismo dois pesquisadores se destacam como fontes secundárias – Hans Jonas e Kurt Rudolf. O trabalho de Jonas sobre “*A Religião Gnóstica*” (1934) é considerado um clássico e uma estimada referência para a academia, assim como “*Gnose*” (1987) de Rudolf. Portanto, temos como objetivo inicial concentrar nossa atenção ao exame do conjunto de informações que esses dois trabalhos nos proporcionam e que serão úteis ao lidar com os textos fontes principais.

Pretendemos, além disso, apresentar a compilação de todo um esforço em um evento científico, bem como elaborar um artigo ao final do trabalho.

HIPÓTESE(S)

A partir de uma cosmologia geral que determina o gnosticismo, isto é, aquela em que há esferas celestes guardadas por Arcontes que impedem a escalada de volta do espírito preso na matéria, podemos encontrar pelo menos dois tipos de repercussões éticas. Concebemos como hipótese existirem basicamente, como consequência de uma depreciação do mundo (sua cosmologia), duas formas principais e distintas do homem gnóstico relacionar-se com a existência: o ascetismo e o libertinismo. Os ascetas obrigam-se a não se contaminarem com o mundo, fugindo de qualquer contato com o que seja considerado mundano. E os libertinos, por outro lado, exaltam a liberdade frente ao mundo. A lei moral do “*tu deves*” ou “*tu não deves*” (do demiurgo) afeta apenas a carne e a alma, jamais o espírito, pois o espírito não se macula pelas ações. Assim, acreditamos que ao desenvolver essas aparentes opostas concepções éticas, podemos melhor perceber suas relações com a cosmologia gnóstica.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Iniciaremos o projeto com um levantamento bibliográfico, que já está em andamento. Em seguida, empregaremos esforços em leitura e fichamento de textos, especialmente nos dois autores mencionados acima, Hans Jonas e Kurt Rudolf. . Inicialmente partiremos das fontes secundárias e, posteriormente, em direção às fontes primárias (Qumram e Nag Hammadi). Com relação às fontes primárias um esforço especial será despendido em circunscrever os textos principais que abordam o nosso tema. Reuniões com o orientador serão realizadas para um melhor e devido encaminhamento da pesquisa. Pretendemos, adiante, apresentar os resultados do exame para o grupo de estudo sobre Helenismo, coordenado pelo professor e orientador Marcus Reis Pinheiro, que se encontra semanalmente no campus do Gragoatá, UFF. Desejamos, também, apresentar o estudo na semana acadêmica da Universidade Federal Fluminense ou outro evento científico. E, por fim, elaboraremos um artigo para publicação de no mínimo 12 páginas.

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Atividades	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Levantamento Bibliográfico	X	X	X							
Leitura e fichamento dos textos		X	X	X	X	X	X			
Apresentação de resultados parciais							X	X		
Participação na “Semana Acadêmica” - UFF									X	
Preparação do texto final						X	X	X	X	X

REFERÊNCIAS

PRIMÁRIAS

MEYER, Marvin. *The Nag Hammadi Scriptures: The Revised and Updated Translation of Sacred Gnostic Texts Complete in One Volume*. HarperOne, 2009.

WISE, ABEGG, Jr. & COOK. *The Dead Sea Scrolls - Revised Edition: A New Translation*. HarperOne, 2005.

SECUNDÁRIAS

JONAS, Hans. *The Gnostic Religion*. Beacon Press, 1963.

RUDOLPH, Kurt. *Gnosis, the Nature & History of Gnosticism*. HarperOne, 1987.

SCHIFFMAN, LAWRENCE and VANDERKAM, eds. *Encyclopedia of the Dead Sea Scrolls: 2 vols*. New York: Oxford, 2000.

LIM, Timothy H. *The Dead Sea Scrolls: A Very Short Introduction*. Oxford University Press, 2006.

COLLINS, John J. *Apocalypticism In The Dead Sea Scrolls*. Routledge, 1997.

BULTMANN, R. *Primitive Christianity*. Thames and Hudson, 1956.

POPOVIC, M. *Reading the Human Body. Physiognomics and Astrology in the Dead Sea Scrolls and Hellenistic-Early Roman Period Judaism*. Brill Academic Publishers, 2007.

_____. *Defining Identities: We, You, and the Other in the Dead Sea Scrolls*. Brill Academic Publishers, 2007.

SCHWEIKER, W. *The Blackwell companion to religious ethics*. Blackwell, 2005.

WALLIS, R. *Neoplatonism and Gnosticism*. State University of New York Press. 1992.

MALACHI, Tau. *Living Gnosis: A Practical Guide to Gnostic Christianity*. Llewellyn Publications, 2005.

PEARSON, Birger A. *The Roots of Egyptian Christianity*. Fortress Pr, 1997.

PAGELS, Elaine. *The Gnostic Gospels*. Vintage, 1989.